



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: DENÚNCIA, ANÚNCIO E UTOPIA

Geyse Chrystine Pereira Souza Fernandes⁶⁴
(UNEB)

Rosemary Oliveira Santana dos Santos⁶⁵
(UNEB)

Sônia Maria Alves Reis⁶⁶
(UNEB)

RESUMO

A formação do professor sempre teve uma perspectiva voltada para a criança. Desse modo quando se depara com pessoas jovens e adultas, precisa reconstruir sua formação numa perspectiva adultocêntrica. Nesse contexto, torna-se necessário ressignificar o conceito de alfabetização. Para orientar a realização deste estudo destacamos Freire, Piconez, Durante, Feitosa dentre outros. Este trabalho visa refletir sobre a formação e a prática dos educadores que trabalham com jovens e adultos. Acreditamos que o professor ao repensar sua prática, poderá também repensar a sociedade, romper com as ideologias dominantes e praticar a Pedagogia do Oprimido, proposta por Freire (1987). A compreensão dos dados fundamenta-se nos predominantemente nos pressupostos da abordagem qualitativa. Do ponto de vista técnico-metodológico, utilizamos questionário semiestruturado e uma entrevista com os professores atuantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e com os alunos de quatro turmas da Escola Municipal Nelsa Luzia Teixeira. Os resultados da pesquisa apontam que o ingresso dos professores no ensino de jovens e adultos se deu sem nenhuma formação específica no campo da EJA. Portanto, se faz necessário pensar numa formação inicial e continuada para os docentes que atuam ou pretendem atuar na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização de Jovens e Adultos. Formação do Educador. Educando.

⁶⁴ Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia - Campus XII- Guanambi – Bahia. E-mail: geysfeg@hotmail.com

² Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - Campus XII- Guanambi – Bahia. E-mail: rosantana1981@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Coordenadora e pesquisadora do NEPE. E-mail: sonia_uneb@hotmail.com.

⁶⁴

⁶⁵

⁶⁶



INTRODUÇÃO

A história dos processos de aprendizagem dos jovens e adultos no Brasil é pouco conhecida. Poucos são os que têm se interessado em contá-la; pouco se registra desta história; poucos conhecem ou se apercebem da existência desta história. Pensamos que não foi dado aos educandos das classes populares um lugar apropriado nos processos educacionais sistematizados. Até bem pouco tempo, transferiam-se os procedimentos da educação infantil para a educação dos adultos, prática que começa a modificar-se a partir das preocupações e das indagações apresentadas por Paulo Freire (2000; 1987).

Elegemos especificamente a alfabetização de adultos como campo de estudo por entender ser esta etapa da escolarização a mais significativa para o sujeito que, em idade adulta, ingressa neste universo. É nesta fase que o sujeito enfrenta as maiores barreiras, desde a superação do seu preconceito e o da sociedade, até as condições adversas para frequentar uma sala de aula proporcionada: por sua condição individual de estudante trabalhador, pela infraestrutura física e material imprópria da rede escolar para este tipo de estudante. Por outro lado, pensamos ser um momento importante na vida do adulto analfabeto: encontrar-se com o universo da escola, das letras, dos livros, dos cálculos; ter uma professora, uma rotina diferente das demais que compreendem o seu cotidiano.

Este trabalho pretendeu refletir e questionar sobre a formação e a prática cotidiana dos educadores que trabalham com jovens e adultos, investigando como a escola é significada por esses educadores e educandos, como eles constroem essa significação de escola no seu mundo, no seu imaginário e na sua prática educativa.

Este trabalho está constituído por essas e outras indagações a respeito do processo de formação de educadores de pessoas jovens e adultas. Essas indagações foram geradas no fértil contexto das práticas desta modalidade de ensino, provocadas pela indissociabilidade entre o pensar e o fazer, num fazer reflexivo curioso, observador que possibilitou a captura de questões inquietantes, estimulantes para um pensar em



longo prazo. Além disso, este problema de pesquisa faz parte da nossa história pessoal, pois convivemos com pessoas que sofrem as consequências do analfabetismo.

A escola pesquisada situa-se no bairro Alto Caiçara, Guanambi - Bahia. Os sujeitos investigados pertencem à população de baixa renda, oriundos de famílias que migraram da zona rural para a cidade e constituíram esse bairro. Convivem diariamente com situações de risco pessoal e social, como o desemprego, a prostituição, a embriaguez, o analfabetismo e outras formas de violência.

A pesquisa foi realizada numa abordagem predominantemente qualitativa, pois essa trabalha com um universo de significações, pressupondo que cada pessoa é única, com suas particularidades, crenças, culturas, sentimentos, valores e comportamentos imbuídos de significados, que não se podem conhecer de imediato, mas precisam ser descobertos, analisados e garantindo, assim, uma proximidade do pesquisador/investigador para que se possa entender a realidade e as necessidades do sujeito de pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Os dados empíricos foram produzidos por meio da realização de entrevista semiestruturada, aplicação de questionários e conversas informais com alunos e professores de quatro turmas de alfabetização de jovens e adultos da rede municipal de ensino de Guanambi-BA.

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: ALGUNS CONSTRANGIMENTOS

Pensando neste mundo globalizado, no crescente desenvolvimento dos meios tecnológicos, na exclusão social sofrida por jovens e adultos analfabetos e no atraso da educação brasileira que, na maioria das vezes, não abarca todo este conhecimento globalizado, sentimos a necessidade de refletir sobre algumas questões que paulatinamente têm influenciado no fracasso das inúmeras iniciativas de alfabetização de jovens e adultos. Entendemos que se faz necessário instrumentalizar estes educandos e educadores para uma prática que se fundamenta como uma ação frente ao mundo, questionando e provocando mudanças.



Atualmente o acesso à escola é assegurado por lei, no entanto é importante verificar a qualidade do conhecimento oferecido e se ele está a serviço da cidadania. A respeito disso, Piconez (2002, p. 44) parafraseia Pino, onde este estabelece uma relação entre o acesso ao conhecimento e o exercício da cidadania:

O caráter público da escola pressupõe a ideia de que o conhecimento é um bem suficientemente importante para que o Estado assegure a todos a sua apropriação. A questão, que se coloca, no entanto, é saber de que conhecimento se fala, pois a escola não oferece o mesmo a todos.

É importante também que, as escolas não só ensinem a decodificação de um mundo de signos, mas também que politizem: “politizar não é escolher um partido A ou B, mas é educar com criticidade, discernimento, compromisso, pois o ato de educar é um ato político” (FREIRE, 2002, p. 20).

Nas constantes interrogações que pairavam em nosso ser, o que nos sensibilizou foi a situação em que se encontravam algumas pessoas do nosso convívio, que, embora tivessem conhecimento “leitura de mundo”, não podiam acompanhar o mundo dos códigos, decifrando-os, interpretando-os e tornando-os úteis. Assim, na tentativa de se incluir na sociedade, algumas dessas pessoas criaram estratégias para disfarçar o seu analfabetismo, como: desenvolver a capacidade de memorizar recados, aprender a rabiscar o nome, o que lhes vale o título de eleitor, a identidade e o CPF e, sempre que possível, ouvir rádio, televisão para “se instruírem”. Essas técnicas são, na verdade, uma forma de mascarar o analfabetismo, assim como pedir alguém para fazer anotações ou leituras, no momento de precisão, pedir desculpas por “não ter os óculos à mão”, ou por estarem ocupados, ao serem solicitados para ler algo, pois têm vergonha da sua situação e de que alguém descubra que não sabem ler e escrever. Portanto, para a maioria dos analfabetos, a função da escrita e da leitura em suas vidas está no seu sentido prático. Por isso, pensando nessa utilidade, o fato de serem descobertos analfabetos fazem com que se sintam inúteis.



A alfabetização não deve ser vista apenas nesse sentido utilitário, mas no político, no qual é papel do educador transformar essa visão numa visão crítica, pois, o alfabetizando dispõe somente de uma visão ingênua.

ALFABETIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA FREIREANA: UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (FREIRE, 1998, p. 102).

Feitosa (1999) visualiza que, no contexto freireano, estão implícitas algumas noções holísticas, de promover a integração do conhecimento e a transformação social. Segundo a autora “o método de Freire”⁶⁷ proporciona uma aprendizagem global, interdisciplinar, a partir de um tema gerador ou palavra geradora.

Realiza-se uma pesquisa na vida do educando para conhecer sua realidade e registrar as palavras do dia-a-dia. Cada palavra geradora é codificada e decodificada buscando o seu significado social. Depois, com a problematização, tenta-se superar a visão ingênua por uma crítica, capaz de transformar o contexto vivido. Assim, “a educação de que precisamos, capaz de formar pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido do risco, curiosas, indagadoras não pode ser a que exercita a memorização mecânica dos educandos” (FREIRE, 2000, p. 100), mas que desafie a pensar certo.

A formação técnico-científica de que precisamos é muito mais do que puro treinamento. A educação de adultos hoje, como a educação em geral, não pode

⁶⁷ A palavra “método” da forma como é definida em “sentido de base” não retrata com fidelidade a ideia e o trabalho desenvolvido por Freire. É no “sentido contextual”, carregado dos princípios de seu idealizador, que a palavra método é utilizada em larga escala. A expressão “Método Paulo Freire” é hoje uma expressão universalizada e, cristalizada como referência de uma “concepção democrática, radical e progressista da educativa”. (FEITOSA, 1999).



prescindir do exercício de pensar criticamente a própria técnica. Por isso, quando o professor ensina conteúdos aos educandos, deve ensinar-lhes a pensar criticamente.

Uma educação em que a liberdade de criar seja viável necessariamente tem de estimular a superação-do medo da aventura responsável, tem de ir mais além do gosto medíocre da repetição pela repetição, tem de tornar evidente aos educandos que errar não é pecado, mas um momento normal do processo gnosiológico (FREIRE, 2002, p. 100).

É fundamental saber que o errar faz parte do processo de conhecer e para isso o educando tem que experimentar variadas situações em que termine por incorporar formas individuais de aprendizagem a seu saber. Cabe ao professor possibilitar essas situações e valorizar as situações já conhecidas pelo aluno, “isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os meios com os quais possa se alfabetizar” (FREIRE, 1979, p. 72).

É preciso considerar a idade adulta não como fase estável e sem transformações psicológicas, mas de continuidade de desenvolvimento psicológico: O desenvolvimento não é um processo inato e universal determinado pela maturação e pelo acesso à escolarização, mas decorrente da aprendizagem mediada pela interação do indivíduo com seu contexto social (outros indivíduos e sistemas simbólicos construídos socialmente). O conhecimento resulta de processos de interação em diferentes contextos sociais e não de diferentes potenciais cognitivos (DURANTE, 1998, p.19).

Diante dos conhecimentos que os adultos já conquistaram e das semelhanças e diferenças entre eles e as crianças, é que devem ser levados em conta, esses fatores, pelas propostas de educação.

Os adultos, como as crianças, apresentam o critério de quantidade mínima e de variedade interna de letras [...] Os adultos apresentam dificuldades parecidas com as das crianças para lidar com o todo e as partes das palavras [...]. Os adultos têm a compreensão da importância das segmentações dos textos, pouco frequentes nas



crianças pré-alfabetizadas, [...]. Têm maior compreensão das funções sociais da língua, apresentando antecipações, significações e pertinentes para os textos de uso social, o que torna mais fácil chegar ao que diz o texto [...]. Os adultos distinguem claramente entre a escrita gráfica dos números e as grafias das letras e utiliza o cálculo mental com maior domínio do que as crianças pré-alfabetizadas (DURANTE, 1998, p. 20).

“Os conhecimentos prévios, de professor, sobre o processo pedagógico foram construídos com base na escolaridade para crianças; necessitam, portanto, ser reconstruídos com perspectivas adultocêntricas” (PICONEZ, 2002, p. 28). Nesta perspectiva surge uma alternativa para mediar a formação do educador dentro da alfabetização de jovens e adultos que está pautada no pensamento freireano e permite ao educando uma formação crítica, política e social.

ALFABETIZAÇÃO: O QUE REVELAM PROFESSORES E ALUNOS?

Todos os professores alfabetizadores apontam que a alfabetização deve ser trabalhada a partir da realidade dos alunos que o professor deve ser prático, “não prolongando no tempo”, pois corre o risco de evasões por conta do principal objetivo do aluno que é o de ler, escrever e contar.

Sobre o processo de alfabetização o professor “Apontador”⁶⁸ diz *“ainda não me deparei com essa situação, pois só trabalhei com as turmas de 4ª série”*. Fica subentendido que ele entende a alfabetização como o início do processo da escolarização. No entanto, a alfabetização é um processo contínuo e que ocorre em todos os momentos de nossas vidas.

Afirma Freire (2000) que: a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência da cultura, a construção crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra.

Nesse processo, o ato de dizer a palavra é entendida por Freire como “palavra e ação”, que, no decorrer da prática, produz significação no discurso historicizado.

⁶⁸ Usamos nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos



Quando se fala em alfabetização, as pessoas tendem por limitar este conceito apenas à decodificação, tendo-a como restrita e acabada. No entanto, antes de tudo, como diz Freire (2000), “a alfabetização de adultos é como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador”.

Nesta perspectiva é importante salientar que a alfabetização deve ser um processo cujo princípio norteador se traduz na conscientização que gera a politização, partindo sempre do sujeito-aluno.

A necessidade de que professores e educadores conheçam o perfil de seus alunos suas experiências, suas necessidades, suas condições de vida. A instituição que se destina a efetuar mudança de pessoas na sociedade tem de levar em conta os aspectos pessoais de cada um. Para mudar temos de conhecer, partindo de algum lugar. Este é um dos passos para inverter o círculo vicioso que se inicia com a aceitação do aluno e que desemboca no fracasso escolar (FURLAM, 1991, p. 74).

O conjunto das falas dos alunos confirma que, em sua maioria, buscam na escola somente as funções básicas da alfabetização: ler, escrever e calcular. Porém alguns deixam escapar seus sonhos, como foi o caso de assuntos citados por eles. A partir disso foi revelado uma ponta de esperança que cabe ao professor estimular ou abolir.

A partir da aplicação do questionário aos educadores que atuam na Alfabetização de Jovens e Adultos, indagando-os sobre quais são os meios usados para oportunizar a construção da leitura e da escrita, bem como favorecer a autonomia do educando frente aos desafios encontrados no seu contexto social, percebemos que parece correto a utilização dos recursos didáticos, no entanto, não sabemos se realmente ocorre na prática e quais os resultados obtidos. Segundo eles, estão constantemente fazendo uso de vários textos, revistas e vídeos.

Em observações realizadas na escola, detectamos que alguns desses recursos mencionados não foram usados devidamente, pois foram conduzidos de forma apática, sem atrativos, gerando questionamentos não aprofundados, até mesmo devido tempo, por se tratar de turmas do turno da noite.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Para tanto, não basta o simples problematizar e o refletir criticamente apenas empregando textos didáticos que sejam críticos e problematizadores, se as atitudes dos educadores e dos educandos forem apáticas sobre as reais necessidades do contexto social e pedagógico nos quais estão inseridos (CANDAU, p. 44).

É importante salientar que na educação de jovens e adultos, como ainda envolve processo de alfabetização, os recursos devem ser apropriados de formas visíveis, práticos e contextualizados.

Na entrevista, perguntamos o que os professores faziam para seus alunos fossem além do ler e escrever e eles responderam:

“Eu sei que meu aluno, quando ele aprende apenas a ler e a escrever, ele continua sendo um ser alienado, então eu tento trazer pra sala de aula a realidade do meu aluno. Eu sempre trago textos, não estes textos dos livros didáticos que muitas vezes são livros que não falam muito da realidade do adulto mas que fala mais da realidade da criança. Eu trago textos diferentes: de revistas, de jornais, trago histórias de pessoas que começaram estudar na fase de adulto e que venceram, isso ajuda meu aluno a ter uma noção do mundo”. (CANETA).

“Eu sempre trabalhei aqui com jovens e adultos na 4ª série. É aquele aluno que chega lendo e escrevendo já. Tem que ter é amizade, ser muito assim: de igual pra igual. [...] fazer um convívio com eles, para se sentir em casa, se ele não se sentir em casa ele não vai fazer nada ou vai desistir”. (LÁPIS)

Para Caneta e Lápis ir além do ler e escrever é utilizar variados recursos que ampliem a leitura e a escrita. Caneta deixa claro ainda que ao trazer a realidade do aluno e os recursos que ela cita para a sala de aula, contribui para a desalienação do seu aluno. Nem Caneta nem Lápis dizem exatamente como explora esses recursos. Para eles é preciso *“ir além através das relações que se travam no dia a dia entre professor e aluno”* e defendem que sem uma boa relação entre professor e alunos e alunos entre si, o professor na EJA corre o risco de perder seus alunos e gerar as *“idas”* e *“vindas”* para a escola todos os anos.



A prática da leitura é tudo isso: afetividade, compromisso, domínio técnico, capacidade científica e criticidade. A leitura deve ser tratada como um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências e não apenas como a decodificação de símbolos. Para que a leitura alcance esse conceito mais amplo é preciso que haja compreensão. Reciprocamente a compreensão de si e a compreensão do mundo são enriquecidas pela leitura. Para Freire (1993, p. 11) “a compreensão do texto por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto...” de cada um.

Durante a pesquisa foi constatado que a maioria dos professores entrevistados entendia a alfabetização no seu sentido restrito, como a decodificação dos signos linguísticos. Por isso, fez-se necessário estabelecer um conceito para alfabetização como sendo um processo político, tendo como base o pensamento de Paulo Freire que vê na educação o meio pelo qual o indivíduo consegue dizer sua palavra, tomar consciência de si e do mundo. “Se, de um lado, a educação não é alavanca das transformações sociais, de outro, estas não se fazem sem ela” (FREIRE, 1998, p. 91).

Procuramos entender, a partir desse conceito elaborado, quais são as representações que educadores têm do processo de alfabetização, suas percepções e perspectivas, como também as representações de leitura e da escrita dentro desse processo e para sua vida.

Nas apreensões realizadas podemos perceber que a representação que educadores e educandos fazem da leitura e da escrita se traduzem com algo “positivo”, caracterizando-as como uma ponte para a passagem de uma condição menos favorecida para outra de maior importância social.

Para os professores da EJA o significado prático da alfabetização, se refere ao saber ler, escrever e contar; são tidos como instrumentos para adquirir um emprego, tirar documento de habilitação, ensinar tarefas aos filhos, dentre outras aplicações. Em suas colocações, porém, educadores apontam como fator primordial da alfabetização, a aquisição de um emprego melhor e mudança na condição de vida.

À vista dos elementos expostos, destaca-se a questão da falta de qualificação dos educadores de jovens e adultos. Ao não se colocar como pré-requisito básico uma



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

qualificação específica para o exercício da alfabetização de jovens e adultos, não possibilita aos que estão na alfabetização, uma experiência prática, preparação para este fim e nem coloca em ação um processo efetivo de qualificação em serviço. O sistema educacional acaba por produzir ou contribuir para o fracasso escolar dentro de Educação de Jovens e Adultos.

CONCLUSÕES

Podemos dizer que o retorno à escola está estritamente ligado a esse sentido prático da leitura como locomover pela cidade, ler uma placa, identificar ônibus para transportar-se, localizar-se espacialmente, ou seja, compreender melhor os espaços físicos, geográficos e sociais. É também uma forma de ganhar autonomia em relação aos familiares, pois na sua ausência, morando distante, com a leitura ele se torna apto para ler correspondência e se comunicar por meio delas. Por isso, a ausência desses saberes implica na exposição de sua condição “vergonhosa” de analfabeto.

Com a pesquisa podemos constatar que os profissionais não dispõem de qualificação na área e também não há critérios na escolha do educador de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sári. Nove questões frequentes sobre a investigação. In: _____. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, PT: Porto Editora, 1994.
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos**. Leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FEITOSA, Sônia Couto Souza. **O método Paulo Freire**. Disponível em: <www.paulofreire.org/metodo>.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 15. ed. - São Paulo, SP: Paz e Terra, 1998.
- _____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paes e Terra, 1979.
- _____. **A importância do ato de Ler:** Em três artigos que se completam. 39. ed. - São Paulo, SP: Cortez, 2000.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2002.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização:** leitura do mundo leitura da palavra. 2. ed. - Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1993.
- FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor:** meta, mito ou nada disso? 3. ed. - São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do nosso tempo; v. 28).
- PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de jovens e adultos.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.